

A Missão Metodista em Juiz de Fora: relações com o catolicismo entre 1884 e 1900

Ana Lúcia Meyer Cordeiro*

Sinopse

Após uma primeira investida entre 1836 e 1841, a missão metodista se estabeleceu no sudeste brasileiro a partir de 1876, através da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos da América. Os missionários metodistas ingressaram na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, a partir de 1884, estabelecendo um diálogo com a sociedade que os recebia. Este texto aborda a presença da missão metodista em Juiz de Fora entre 1884 e 1900, com especial enfoque às suas relações com o catolicismo.

Palavras-chave: Missão; Educação; Conversão.

Abstract

After a first attempt which lasted from 1836 to 1841, the Methodist mission established itself in the Brazilian southeast in 1876, through the Methodist Episcopal Church of the South of the United States of America. From 1884 on, Methodist missionaries came to the city of Juiz de Fora, in the state of Minas Gerais, establishing a dialogue with the society that received them. This text tackles the presence of Methodist missions in Juiz de Fora from 1884 to 1900, focusing specially on its relationship with Catholicism.

Key words: Mission; Education; Conversion.

* Graduada em História; mestre e doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Este texto constitui uma síntese da dissertação apresentada, com o mesmo título, ao PPCIR/UFJF.

Introdução

O metodismo é uma confissão religiosa protestante que nasceu na Inglaterra, no início do século XVIII, sob a inspiração das idéias religiosas de João Wesley, ministro da Igreja Anglicana. Em suas origens, o metodismo recebeu influências de diversas tendências teológicas desenvolvidas pelo protestantismo. O arminianismo, dissidência teológica do calvinismo, o puritanismo, bem como o pietismo, movimento eminentemente leigo desenvolvido no interior do luteranismo alemão, foram assimilados pelo metodismo, contribuindo para que sua mensagem religiosa se caracterizasse pelo apelo à conversão individual, pela ação social no sentido da moralidade e da disciplina, e pelo emocionalismo, respectivamente.

Em sua experiência na América do Norte, a partir de 1760, o metodismo absorveu a ideologia do “Destino Manifesto”, que levava os norte-americanos a acreditarem ser o povo especialmente escolhido por Deus para estabelecer a civilização cristã no mundo inteiro. Os metodistas, assim como os demais representantes do chamado protestantismo missionário, concebiam a sua missão não apenas no sentido de propagar a sua religião, mas também de difundir os valores norte-americanos de liberdade, democracia, civilização e progresso. Cristianizar as nações significava “civilizá-las” de acordo com o modelo ideal: os Estados Unidos da América.

O metodismo se inseriu no Brasil e em outras partes do mundo em decorrência da expansão colonial do mundo anglo-saxão, iniciada no século XIX, que elevou o movimento missionário à escala global. Embora o metodismo tenha ingressado nas regiões norte, nordeste e sul do país, através da Igreja Metodista Episcopal da área norte dos Estados Unidos, a missão metodista que se estabeleceu a partir de 1876 nas cidades do sudeste brasileiro, dentre elas, Juiz de Fora, estava vinculada à Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos.

A missão metodista chegou em Juiz de Fora em 1884. Não obstante a presença de outras crenças religiosas no espaço juizforano, como o luteranismo e o espiritismo¹, o catolicismo era a religião majoritária. Naturalmente, ao ingressar

¹ O luteranismo ingressou em Juiz de Fora através dos imigrantes alemães na primeira metade do século XIX. As primeiras notícias sobre a presença do espiritismo na cidade datam de 1882.

na cidade, a missão teve que estabelecer um diálogo com a sociedade que a recebia. Compreender a inserção do metodismo em Juiz de Fora implica, portanto, em considerar a maneira como metodistas e católicos se relacionaram naquele período.

1 A Missão Metodista em Juiz de Fora

A inserção do metodismo em Juiz de Fora está relacionada ao projeto da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos de expandir a sua missão brasileira, com sede na cidade do Rio de Janeiro, para a Zona da Mata, em Minas Gerais. Juiz de Fora foi vista pelos missionários norte-americanos como uma cidade propícia à propagação do metodismo. Além de estar situada relativamente próxima à sede da sua missão e de possuir uma quantidade considerável de imigrantes que pela afinidade natural poderiam lhes dar guarida, a cidade experimentava um processo de urbanização crescente desencadeado especialmente nas três últimas décadas do século XIX, sendo considerada a principal cidade de Minas Gerais, daquele período.² Se de um lado a sociedade juizforana comportava uma elite vinculada à antiga tradição senhorial, aristocrática, conservadora, católica, de outro, havia uma elite liberal, republicana, maçônica, positivista, com características modernas e seculares, sensível ao sistema de valores norte-americanos. A imagem liberal e progressista que a sociedade juizforana, por um lado, deixava transparecer, atraiu a Igreja Metodista, conforme demonstra o relato do historiador metodista José Gonçalves Salvador:

Lembre-mos de que uma das razões aceitas pelo Rev. Ransom para escolher a Capital do país como sede inicial da Missão, dizia respeito à relativa proximidade com a próspera área nas Minas Gerais servida pela Estrada de Rodagem União e Indústria, aberta de 1853 a 1861 por Mariano Procópio e pela via férrea. Era, por exemplo, o caso de Juiz de Fora, cidade bem povoada e de futuro, e em cujas cercanias viviam muitos colonos alemães já

² Domingos GIROLETTI, *Industrialização de Juiz de Fora: 1850-1930*, p. 24.

conhecedores do Evangelho. Para lá voltou os olhos o pioneiro metodista.³

Ao mesmo tempo em que se reconheciam como propugnadores da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso, os metodistas, bem como os missionários protestantes em geral, tendiam a ver o catolicismo como “[...] o espírito que teme a liberdade e que, como conseqüência, se inclina sempre para soluções totalitárias e se opõe à modernidade”.⁴

Consciente de que sua ação deveria produzir mudanças a nível cultural, a missão metodista penetrou em Juiz de Fora, assim como em outras cidades do Brasil, buscando mostrar a superioridade das suas idéias, da sua ética e do seu sistema de valores em relação ao sistema vigente e, ao mesmo tempo, procurando se opor ao catolicismo, tido como o principal elemento formador da cultura brasileira. Por sua convivência com o índio e com a senzala, pelo cruzamento das tradições trazidas do Reino com as tradições da terra, o catolicismo mestiço vivenciado pelo povo brasileiro e, naturalmente, pelos juizforanos, era considerado pelos metodistas como atraso religioso, como uma “corrupção da verdade evangélica”. Por outro lado, o metodismo e a cultura norte-americana eram apresentados como modelos a serem seguidos por aqueles que almejavam o desenvolvimento e progresso do país.

A estratégia de estabelecimento privilegiada pelos missionários metodistas em Juiz de Fora, a exemplo do que ocorreu em outras cidades da região sudeste, foi a conquista da elite liberal, republicana, maçônica, positivista e anticlerical presente na cidade. A ação missionária, que envolvia a evangelização direta e a educação, se deu a partir da distribuição e venda de Bíblias, dentre outras literaturas religiosas, da pregação do Evangelho, da divulgação dos periódicos da Igreja, da escola dominical e, sobretudo, da fundação de uma instituição para a educação formal que pudesse atrair as elites locais, a saber, o Collegio Americano Granbery. Na medida em que a educação é, no metodismo, um instrumento privilegiado de comunicação dos valores culturais próprios da denominação, uma instituição de ensino regular seria um veículo eficaz de

³ José Gonçalves SALVADOR, *História do Metodismo no Brasil*, p. 147.

⁴ Rubem ALVES, *Dogmatismo e tolerância*, p. 81.

transmissão dos “valores cristãos” do protestantismo anglo-saxão norte-americano.⁵

Durante o período imperial, o espaço reservado à educação limitou-se à formação dos quadros necessários à manutenção do sistema vigente. Em momento algum a educação do povo ocupou lugar de destaque. O movimento republicano, por sua vez, usou a educação tanto como elemento formador da opinião pública quanto como instrumento de luta contra o regime monárquico. “Como era preciso convencer o povo das vantagens e da superioridade do regime republicano, com relação à Monarquia, os republicanos estimularam todas as intervenções educativas que consideravam inovadoras e se opusessem tanto ao sistema oficial quanto ao católico”.⁶

Uma vez que as elites liberais e republicanas de Juiz de Fora se sentiam atraídas pelo modelo cultural e político norte-americano, o projeto educacional metodista foi visto com bons olhos por essas elites, como se pode perceber na seguinte notícia veiculada pelo jornal *O Pharol*, cuja orientação, naquele período, era liberal.

Dizem-nos que, por iniciativa de alguns sectarios da igreja methodista, vae se abrir nesta cidade uma estabelecimento de ensino primario e secundario, de cujo corpo docente faz parte o sr. J. W. Lander que dispõe de grande adiantamento e de longa pratica do magisterio. *Applaudindo a iniciativa de que damos noticia, desejamos que ella se realise em breve praso.*⁷

Não obstante a ação missionária tenha envolvido uma série de instrumentos complementares, o efetivo estabelecimento da missão metodista na sociedade juizforana se deu pela influência do seu projeto educacional, representado pelo Collegio Americano Granbery, que acabou atraindo boa parte da elite liberal local. Assim como em outras cidades da região sudeste, como Piracicaba, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, dentre outras, a

⁵ Peri MESQUIDA, *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, p. 123.

⁶ *Ibid.*, p. 84.

⁷ Ver *O Pharol*, ano XXIV, 14 de fevereiro de 1890. (grifo nosso)

prioridade dada à educação formal foi um elemento decisivo para a fixação do metodismo em Juiz de Fora.

As Tensões entre Metodismo e Catolicismo

Embora a estratégia de estabelecimento privilegiada pelos missionários metodistas em Juiz de Fora possa ser considerada “elitista”, o objetivo último da missão era atingir a sociedade juizforana como todo, guardando coerência com os princípios missionários do metodismo norte-americano de estabelecer a “civilização cristã” no mundo inteiro, afinal, esse era o seu “destino manifesto”. Isso fica bastante claro nas palavras dos próprios metodistas:

[...] estamos ha pouco tempo aqui, em um paiz onde sua maioria é romana. Um partido não se levanta em um dia, um monumento tambem não se faz em um dia e tudo assim á proporção. [...] Ora, sendo assim, se cada irmão se esforçar em chamar á sua fé um amigo por anno, podemos dizer que, multiplicando-se de anno por anno, no prazo de 10 a 12 annos todo o Juiz de Fora estará convertido. Esta é a nossa missão. *Os methodistas*.⁸

Sendo assim, os metodistas continuaram com a sua campanha de evangelização. Porém, se a elite liberal e progressista de Juiz de Fora se mostrou, em alguma medida, receptiva às idéias e ao sistema de valores dos missionários norte-americanos, o mesmo não ocorreu com os grupos católicos mais conservadores que também compunham a sociedade juizforana. Ao longo de vários anos, o relacionamento entre parte dos fiéis e clérigos católicos e a missão metodista foi marcado pela divergência.

Os desentendimentos entre as duas confissões religiosas foram amplamente registrados na imprensa juizforana desde o momento da chegada dos primeiros missionários. Entre 1884 até o início do processo de romanização

⁸ Ver *Diário de Minas*, ano I, 31 de agosto de 1888.

do catolicismo⁹ em Juiz de Fora, a partir de 1890, esses desentendimentos se deram, em grande parte, entre os fiéis católicos mais conservadores e os metodistas em geral. A partir de 1890, a imprensa local passou a publicar as longas polêmicas entre o clero diocesano, encarregado de iniciar a romanização do catolicismo na cidade, e os pastores metodistas. Tais polêmicas envolviam quase sempre assuntos doutrinários.

Quando no início de 1886 o pastor John James Ranson começou a divulgar o periódico *Methodista Catholico*, Alberto Besouchet, editor do periódico *Busca-pé* e um dos grandes opositores da nova religião, criticou no jornal *O Pharol* a expansão do metodismo na sociedade juizforana.

Methodista Catholico

É este o nome de um *pasquim* que sahiu á luz na côrte com a data de 12 de janeiro. Infelizmente veio bater palmas na redação do *Busca-pé* afim de infamemente o injuriar. Estes satans estão fazendo conferencias contra a religião do Estado e as vivas crenças do bom christão. Vão esmolando de porta em porta, dirigindo convites diabolicos aos chefes das familias para abalarem as suas crenças religiosas. [...] Blasfemam com heresias, e seduzem homens de boa fé, casadas e solteiras, para mudarem das suas inabalaveis convicções religiosas, amamentadas pelo berço maternal e paterno. É uma miséria, ignominia mesmo, que revolta aos povos civilizados. Erguem um salão de baile, onde se toca uma *sanfona* com meia duzia de bancos e dizem que é a – igreja methodista – quando deveriam asseverar que é um *zungu excommungado*. O povo fique alerta, e não deve deixar-se illudir com esses *demonios bebados* que vêm perturbar a tranquillidade pública. [...] E vejam bem: se continuarem com a seducção infame, caro lhes ha de sair.¹⁰

⁹ Entende-se por romanização do catolicismo o processo a que foi submetido o catolicismo no Brasil, sobretudo entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, cujo objetivo era desatrelar a Igreja Católica Romana do poder do Estado e, ao mesmo tempo, colocá-la sob a dependência direta da Santa Sé. A esse respeito ver José Oscar BEOZZO, *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada*; tb. Pedro Assis Ribeiro de OLIVEIRA., *Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*; sobre a romanização do catolicismo em Juiz de Fora, ver Mabel Salgado PEREIRA, *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora*.

¹⁰ Ver *O Pharol*, ano XX, 12 de janeiro de 1886.

A linguagem áspera, e até certo ponto ameaçadora, utilizada pelo fiel católico para referir-se à Igreja Metodista dá sinais do conservadorismo escravocrata que caracterizava uma parcela da sociedade juizforana naquele período. Exemplo disso é a expressão “zungu”, de evidente origem africana, que no século XIX estava associada a barulho, falatório, desordens e rixas de negros. Por serem um importante espaço criado por escravos fugidos ou libertos em busca de maior autonomia, as casas de zungu eram consideradas pelas elites brasileiras conservadoras uma ameaça para a ordem escravista.¹¹ De forma análoga, a Igreja Metodista em Juiz de Fora parece ter sido considerada, pela elite católica conservadora, uma ameaça para o predomínio do catolicismo.

A linguagem de Besouchet acaba denunciando também o seu desconhecimento de certos princípios que compõem a religiosidade metodista. Embora os missionários tenham sido acusados de erguerem um “salão de baile” e tenham sido chamados de “demônios bêbados”, cabe lembrar que, por influência do puritanismo, a religiosidade metodista é marcada por um rígido padrão disciplinar e moral. “O metodismo copiou do puritanismo uma forma extremada de disciplina, voltada para o cumprimento dos deveres religiosos e para a conduta pessoal”.¹² Pode-se dizer que no metodismo a questão moral está intimamente relacionada à questão da salvação.

Sendo assim, os metodistas normalmente são avessos a hábitos considerados mundanos, como freqüentar bailes e fazer uso de bebidas alcoólicas. Do mesmo modo que a atividade sexual só é considerada lícita dentro do casamento, a dança e, conseqüentemente, os bailes, são considerados como pecado. O rigor disciplinar dos protestantes em geral e dos metodistas em particular frente ao baile parece indicar que, na sua interpretação “[...] o baile é uma versão estilizada e simbólica do ato sexual e que, portanto, ir ao baile é expor-se voluntariamente à tentação que inevitavelmente macula a pureza que deve marcar a personalidade do crente”.¹³ No que se refere ao uso do álcool, o metodismo se mantém fiel aos preceitos de seu fundador, João Wesley, que

¹¹ Para maiores informações sobre as casas de “zungu” ver Ronaldo VAINFAS (org.), *Dicionário do Brasil Imperial: 1822-1889*, p. 726-727.

¹² Prócoro VELASQUES FILHO, “Sim” a Deus e “Não” à Vida, p. 212.

¹³ Rubem ALVES, *Dogmatismo e tolerância*, p. 176.

chegou a proibir os membros das sociedades metodistas de tomar qualquer tipo de bebida alcoólica.¹⁴

Tomando por base o volume de artigos publicados em Juiz de Fora naquele período, é possível afirmar que um dos maiores opositores do metodismo foi o padre Hipólito de Oliveira Campos, que embora só tenha se estabelecido na cidade a partir de 1898, quando assumiu a direção paroquial, começou a publicar textos contra os metodistas desde 1890. De Mar de Espanha, o padre Hipólito Campos condenou a presença metodista na sociedade juizforana nos termos seguintes:

Cidadão redactor do *Pharol*. – Juiz de Fora, essa prospera e encantadora cidade [...] tem acolhido (proh dolor!) em seu magnanimo seio e bondoso coração muitos ingratos, que quaes viboras aviventados e mesmo criados em seu nobre regaço, a troca de sua franca hospitalidade, vão ferindo de morte a seus legitimos e dilectos filhos. Refiro-me aos propagandistas protestantes, que com rês de lã e disfarçados de cordeiro vão se insinuando entre os catholicos, a principio illudindo e até procurando tranquillisar suas consciencias com tingido respeito aos principios que professam, e ao depois, senhores do terreno, francamente negando e atacando com cavillosos argumentos os dogmas da nossa santa religião, gerando aos espiritos fracos e ignorantes e nas consciencias mal formadas a confusão e a duvida, e paulatina e maliciosamente conseguindo o que intentam – completa descrença nas verdades e salutarens ensinamentos da Santa Egreja Catholica, e atirando nos abysmos da perdição os infelizes extraviados e pervertidos. No duplo carater de sacerdote e brasileiro julgo do meu dever, na medida de minhas forças, procurar desmascarar os hypocritas, e pôr de sobre-aviso os meus patricios.¹⁵

Porém, após um período de quase dez anos se posicionando contra os metodistas e sua doutrina e defendendo a Igreja Católica Romana dos seus

¹⁴ Duncan Alexander REILY, *Metodismo brasileiro e wesleyano*, p. 151.

¹⁵ Ver *O Pharol*, ano XXIV, 2 de março de 1890.

opositores, o padre Hipólito Campos começou a dar sinais de insatisfação com relação ao modelo de catolicismo que estava se impondo em Juiz de Fora, assim como nas demais cidades brasileiras.

Uma das razões que pode ter contribuído para tal insatisfação é a questão do celibato eclesiástico. Segundo notícias registradas no Livro de Crônica da comunidade redentorista¹⁶, o padre Hipólito Campos mantinha um relacionamento com uma determinada viúva há algum tempo. Embora a inobservância do celibato fosse até certo ponto comum no meio eclesiástico católico¹⁷, com o processo de romanização do catolicismo em Juiz de Fora o respeito ao celibato tornou-se uma exigência básica. Além disso, o padre Hipólito Campos era a favor de uma organização eclesiástica que privilegiasse os clérigos da região, que estavam perdendo cada vez mais espaço para os religiosos europeus.

À insatisfação do padre Hipólito Campos com determinadas posturas adotadas pelos bispos da sua Igreja somou-se a simpatia que aos poucos o sacerdote católico foi adquirindo pelos missionários metodistas. Na realidade, embora o padre Hipólito Campos fosse um declarado opositor do metodismo, ele já havia tido alguns contatos diretos com os missionários. Em algumas passagens do seu livro, "Porque Deixei a Igreja Romana", de 1921, o próprio padre admite esses encontros.

A situação em que se encontrava o pároco levou o então bispo Dom Silvério a afastá-lo da direção da paróquia de Juiz de Fora, que foi confiada, logo em seguida, aos padres alemães do Verbo Divino. Naquele mesmo período a sociedade juizforana presenciou um fato inusitado: o padre Hipólito Campos se converteu ao metodismo, causando surpresa, ou mesmo indignação, a muitos católicos.

Ao ser afastado da sua paróquia, o padre Hipólito Campos retirou-se para um povoado denominado Limoeiro, passando por um período de meditação,

¹⁶ Ver Livro de Crônica da Casa dos Redentoristas de Juiz de Fora (1894-1923).

¹⁷ O concubinato dos clérigos era uma prática comumente aceita pela sociedade brasileira desde os tempos da colônia. Foi apenas a partir de meados do século XIX, já no período imperial, que o projeto de introdução do celibato eclesiástico começou a tornar-se efetivamente uma realidade, através do movimento dos bispos reformadores. AZZI, Riolando. *O Clero no Brasil: uma trajetória de crises e reformas*. Brasília: SER, 1992. p. 20.

quando, segundo ele, dedicou-se a estudar melhor as Escrituras.¹⁸ Os metodistas, que por muito tempo foram tidos pelo sacerdote católico como “pervertidos” e “pervertores”, acabaram conquistando a sua confiança, conforme afirmou o próprio padre Hipólito Campos: “[...] tal confiança me inspiraram os protestantes de Juiz de Fora, que longe de fugir de sua pregação, como fazia, procurava assistir, sem querer ser visto, como Nicodemus, aos atos religiosos na sua casa de culto”.¹⁹

As declarações de Hipólito Campos, registradas ao longo do seu livro, parecem sugerir que a crise vivenciada pelo pároco estava também relacionada à questão do sentido da vida, a questão da fé, envolvendo inclusive os fundamentos da sua religião. Convém lembrar que o padre Hipólito Campos passou cerca de uma década discutindo assuntos doutrinários com os missionários metodistas. Durante esse período, o sacerdote católico teve a oportunidade de conhecer um pouco mais a doutrina protestante e, ao mesmo tempo, rever a doutrina da sua Igreja. Embora fatores ligados à implantação do catolicismo romanizado em Juiz de Fora, como o celibato eclesiástico obrigatório e a transferência de párocos tenham tido o seu peso não parece que tais fatores tenham sido os mais determinantes em sua conversão. Isso é evidenciado no seguinte trecho da introdução do livro “Porque Deixei a Igreja Romana”, escrito pelo ex-padre: “A leitura das páginas que se seguem mostrará a evidência as lutas sustentadas por uma consciência sensível, indignada com os abusos e absurdos praticados e ensinados pela Igreja Romana”.²⁰

Após sua conversão o ex-padre foi licenciado pregador metodista na localidade juizforana e recomendado à Conferência Anual Brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, sendo recebido em experiência no dia 13 de agosto de 1901, sob a presidência do bispo Charles B. Galloway. Durante trinta anos Hipólito Campos foi pregador da Igreja Metodista, servindo como pastor em diversas cidades brasileiras, como Belo Horizonte, Juiz de Fora (1907 a 1910), São Paulo, Taubaté, Petrópolis e Rio de Janeiro. Como evangelista, visitou também outros países, como Portugal e França.²¹ Faleceu no dia 30 de agosto de

¹⁸ Hippolyto de Oliveira CAMPOS, *Porque deixei a Igreja Romana*, p. 30.

¹⁹ *Ibid.*, p. 25.

²⁰ *Ibid.*, p. 5.

²¹ ROCHA, , p. 117-118.

1931. Na avaliação de Riolando Azzi, “essa sua vida posterior parece demonstrar com clareza que sua crise religiosa foi fundamentalmente relacionada à questão da fé, e que ele fez em 1900 a opção que considerou mais acertada de acordo com sua consciência”.²²

Embora entre 1884 e 1900 o número de adesões ao metodismo em Juiz de Fora possa não ter correspondido às expectativas iniciais da missão brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, uma vez que os missionários privilegiaram a educação, e não a evangelização direta, como estratégia de estabelecimento na cidade, a conversão de Hipólito Campos pode ser considerada uma conquista significativa para a missão metodista, não só porque os missionários conseguiram neutralizar um dos seus maiores opositores, mas também porque passaram a contar com um grande colaborador.

Considerações Finais

Mesmo não logrando uma conversão em massa ao protestantismo, a missão brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos encontrou espaços privilegiados de atuação em Juiz de Fora, sobretudo no campo educacional, como o Granbery, presente na cidade até os dias de hoje.

Não obstante a prioridade educacional tenha sido o elemento decisivo para a fixação do metodismo em Juiz de Fora, quando os missionários se estabeleceram na sociedade juizforana acabaram conquistando, através da evangelização direta, adesões importantes para a sua missão, especialmente no meio eclesiástico católico, como o padre Hipólito de Oliveira Campos, que apesar de ter sido um dos maiores opositores do metodismo, após ter experimentado a sua experiência de conversão, impulsionada, inclusive por uma crise de fé em relação aos preceitos da Igreja Católica Romana, transformou-se num influente pregador da denominação.

²² Riolando AZZI, *Sob o báculo episcopal*, p. 109-110.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- _____. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.
- AZZI, Riolando. *Sob o báculo episcopal: a Igreja Católica em Juiz de Fora (1850-1950)*. Juiz de Fora: Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000.
- _____. *O clero no Brasil: uma trajetória de crises e reformas*. Brasília: SER, 1992.
- BEOZZO, José Oscar. Irmandades, santuários, capelinhas de beira de estrada. *REB*, v. 37, n° 148, 1977.
- CAMPOS, Hippolyto de Oliveira. *Porque deixei a Igreja Romana*. Rio de Janeiro: Typographia Baptista de Souza, 1921.
- GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora: 1850-1930*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.
- MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. *REB*, vol. 36, n. 141, 1976.
- PEREIRA, Mabel Salgado. *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)*. UFRJ. Rio de Janeiro, 2002. (Dissertação de Mestrado)
- REILY, Duncan Alexander. *Metodismo brasileiro e wesleyano: reflexões teológicas sobre a autonomia*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981.
- ROCHA, Isnard. *Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.
- SALVADOR, José Gonçalves. *História do Metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1982.
- VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Imperial: 1822-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. "Sim" a Deus e "não" à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa e _____. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.